

Capítulo 6

A HIPOCORIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: ANÁLISE POR PADRÕES GERAIS DE FORMAÇÃO

Bruno Cavalcanti Lima
Hayla Thami da Silva
Carlos Alexandre Gonçalves

Este capítulo dedica-se à análise da hipocorização – processo não-concatenativo de formação de palavras que consiste no encurtamento de antropônimos –, como ocorre, por exemplo, em ‘Maria Lúcia’ > ‘Malu’ e ‘Francisco’ > ‘Chico’. A abordagem da hipocorização como processo de formação de palavras visa a comprovar que, diferentemente do que afirmam as Gramáticas Tradicionais (GTs), fenômenos de morfologia subtrativa, além de respeitarem a um padrão básico de formação, são, efetivamente, produtivos na língua.

Com a finalidade de ratificar que a hipocorização, de fato, apresenta padrões básicos de estruturação formal, adotaremos a Teoria da Otimalidade (doravante TO), modelo teórico devidamente descrito no capítulo 1. Para tanto, organizamos nossa análise em sete partes: na seção seguinte, descrevemos a hipocorização enquanto processo morfológico e, além disso, apresentamos uma revisão de trabalhos que abordaram o tema; logo em seguida, faremos a análise de cada um dos cinco padrões de hipocorização sinalizados em Gonçalves (2004a); por fim, tecemos algumas considerações acerca do fenômeno e de sua relevância à descrição do português.

O processo de hipocorização no português brasileiro

Um fenômeno de morfologia subtrativa é aquele que pressupõe perda de segmentos fônicos, de modo a constituir uma nova palavra na língua. Esses processos, em que se incluem o truncamento e a hipocorização, não foram explorados pelas GTs, que os rotulam como processos anômalos de formação de palavras, já que consideram o português uma língua de morfologia predominantemente aglutinativa, em que a criação de novos itens lexicais se dá, sobretudo, pelo acréscimo de formativos (derivação) ou pela combinação de radicais e/ou palavras (composição). Por esse motivo, fenômenos como a hipocorização não são contemplados ou descritos de modo consistente nas abordagens de cunho mais tradicional, como a de Cunha & Cintra (2001), que sequer citam formações hipocorísticas, e a de Rocha Lima (2000), que considera o processo um tipo subsidiário de formação de palavras e, portanto, não explora exaustivamente suas características e peculiaridades.

Alguns autores, entretanto, analisaram a hipocorização, acenando para a produtividade incontestável do processo. O primeiro deles foi Monteiro que, em artigo de 1983, define hipocorísticos como formações oriundas de uma alteração do prenome (simples ou composto), a exemplo do que ocorre com as seguintes reduções do antropônimo ‘Antônio’:

- (01) Totônio, Toim, Tõe, Totô, Tó, Tozinho, Nanan, Toinho, Tom, Toni, Tonico, Toquinho, Tota, Tuquinho, Tonhão, Tonton, Tonho, Toninho, Toinzin, Niquinho, Tonhozinho, Totoca, Tonheiro, Mitonho, Nini, Nico, Tonca, Antoinho, Antoninho, Toinzinho, Tontonho, Tutu, Tutuca, Tonito, Nito, Sitônio, Tonzinho, Tinoco, Tonico, Antoni, Antonieto e Tonhim.

Posteriormente, Silva & Silva (2000) e Brito (2003) adotam a definição de Monteiro (*op. cit.*) e, mais uma vez, entendem estruturas hipocorísticas como aquelas que, com uso carinhoso e afetivo, remetem a um prenome, como ocorre em ‘Cristina’ > ‘Cris’ e ‘Luciana’ > ‘Lulu’, por exemplo.

A real importância das abordagens de Monteiro (1983), de Silva & Silva (2002) e Brito (2003) está no fato de entender a hipocorização como um processo de formação de palavras que se restringe aos antropônimos; logo, formações hipocorísticas são aquelas que tomam por base um prenome,

assim como observaram Gonçalves (2004a), Thami da Silva (2004, 2005 e 2008) e Lima (2004, 2007 e 2008).

Assumimos, nesta análise, a definição de hipocorístico proposta por Gonçalves (2004a: 08). Para o autor, hipocorização é o *processo morfológico pelo qual antropônimos são encurtados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original*. Sendo assim, ‘Xande’ é um hipocorístico por se tratar de uma forma encurtada afetivamente que mantém identidade com o prenome original, no caso, ‘Alexandre’. Esse conceito, como se vê, conduz o leitor ao estabelecimento de uma distinção básica entre hipocorístico e apelido. O hipocorístico, nessa ótica, precisa manter identidade com o prenome; o apelido, entretanto, não. Uma forma como ‘baixinho’, por exemplo, pode ser considerada apelido de algum indivíduo, mas não um hipocorístico, uma vez que não mantém identidade com antropônimo algum. Dessa forma, pode-se afirmar que todo hipocorístico é um apelido, mas nem todo apelido é, de fato, um hipocorístico.

As definições de Monteiro (1983) e Gonçalves (2004a) são, em princípio, semelhantes, e aparentemente não há diferença alguma para apontar. Deve-se ressaltar, no entanto, que Gonçalves (*op. cit.*), discutindo a questão do pé básico do português, postula que os hipocorísticos podem ser considerados as menores formas derivadas da língua. Assim, condições de palavra mínima devem ser impostas a esse processo, que bloqueia qualquer formação maior que duas sílabas e que contenha mais de um pé.

Monteiro (*op. cit.*) não faz qualquer referência a condições de minimalidade, o que o leva a aceitar várias formas apontadas em (01) como hipocorísticos de ‘Antônio’, a exemplo de ‘Antonieto’ e ‘Toquinho’. No presente trabalho, formas com sufixos expressivos não são contempladas; portanto, muitas das estruturas apresentadas em (01), como ‘Tutuca’, ‘Tinoco’ e ‘Niquinho’, não são consideradas hipocorísticas, em decorrência (a) do tamanho ou (b) da falta de identidade com o prenome original. Deve-se destacar que tais formas são trissílabas e, por isso, infringem a condição primeira de minimalidade, que inibe estruturas maiores que duas sílabas.

Sendo assim, nosso principal objetivo é detectar as bases utilizadas no processo e, assim, isolamos os sufixos que porventura apareçam nas construções hipocorísticas, como -ico (‘Tunico’), -inho (‘Toninho’) e -onho (‘Totonho’), entre tantos outros. Desse modo, ‘Gerinho’ constitui estrutura sem dúvida alguma relacionada ao antropônimo ‘Rogério’. Para chegar à base, retiramos o

sufixo -inho, assumindo a forma ‘Gero’ como ponto de partida para a formação. Diferente de ‘Nico’, base a que se chega com a retirada do diminutivo em ‘Niquinho’ (exemplo de Monteiro, 1983), ‘Gero’ mantém identidade com o prenome de que resulta, já que quatro segmentos são comuns às duas formas. No caso de ‘Nico’, para o antropônimo ‘Antônio’, não há fidelidade à forma de base, já que o suposto hipocorístico só apresenta um segmento em comum com o prenome original – a nasal [n].

Deve-se ressaltar, ainda, que a hipocorização, nesta análise, corresponde ao que Benua (1995) chama de truncamento. Como, em português, há diferentes processos não-concatenativos de encurtamento, Gonçalves (2004b) reserva o termo hipocorização para a redução de antropônimos (hipocorísticos) e truncamento para a formação de outros nomes encurtados (‘japa’ para ‘japonês’ e ‘boteco’ para ‘botequim’), como será visto na análise de Belchor, no próximo capítulo.

Outros autores concebem a hipocorização como fenômeno “idiossincrático”, “imprevisível”, “assistemático” e “esdrúxulo” (CUNHA, 1975; MONTEIRO, 1987; ZANOTTO, 1989), operando com supressão de uma sequência fônica do antropônimo. Segundo Gonçalves (2004a: 08), entretanto, *o processo se mostra altamente regular quando se levam em conta primitivos prosódicos e aspectos da interface Morfologia-Fonologia.*

De acordo com Gonçalves (2004a), existem cinco padrões de hipocorização no português brasileiro, especificamente na variante carioca. O quadro a seguir exemplifica os diferentes sistemas do processo¹:

(02)

Tipos de Hipocorísticos				
(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
Francisco > Chíco	Cristina > Crís	Tereza > Tetê e Tê	Barnabé > Bebé e Bé	Maria Luiza > Malú
Murilo > Lílo	Mariana > Mári	Fernanda > Fefê e Fê	Isabel > Bebél e Bél	João Carlos > Jóca
Marilena > Lêna	Rafael > Ráfa	Joana > Jojó e Jô	Nicolau > Laláu e Láu	Carlos Eduardo > Cadú

¹ Utilizamos o acento agudo sobre as vogais dos hipocorísticos para indicar a localização das sílabas tônicas. Nos casos em que o timbre é fechado, empregamos o acento circunflexo.

O sistema A, analisado por Gonçalves (2004a), é o mais produtivo e pode ser considerado padrão geral para a formação de hipocorísticos em português (padrão considerado *default*). A principal característica das formas reduzidas por meio da hipocorização do sistema A, como se pode perceber através dos exemplos, é a manutenção do acento lexical das palavras-matrizes. Os sistemas B e C caracterizam-se pelo mapeamento dos segmentos localizados à margem esquerda do antropônimo, sendo que, no padrão C, pode ocorrer, simultaneamente, o fenômeno da reduplicação. O processo D é caracterizado pela reduplicação que ocorre na margem direita da palavra, mais especificamente da sílaba proeminente. O sistema E, finalmente, consiste na hipocorização de nomes compostos, ou seja, na junção de duas bases que se combinam e se encurtam.

Apesar de diferentes em vários aspectos, os hipocorísticos nunca ultrapassam o limite de duas sílabas, embora a acentuada, no caso de formas dissilábicas, possa ser a primeira, como ocorre no padrão A, a segunda, como nos padrões C e D, ou, ainda, alternar entre a primeira e a segunda, como nos tipos B e E. O *parsing* pode ser feito da direita para a esquerda (A e D) ou da esquerda para a direita (B e C). A hipocorização pode atuar sozinha (A e B) ou em conjunto com a reduplicação (C e D). Do grupo A para o grupo D, há uma espécie de *continuum* de opacidade: os dois primeiros são mais transparentes, pois, bem mais fiéis às bases, possibilitam rastrear o prenome sem grandes dificuldades. Os demais, ao contrário, tendem a ser mais opacos, por permitirem que mais de uma palavra-matriz atue como base, a exemplo de ‘Jujú’, que pode levar a qualquer antropônimo que se inicie por ‘Jú’, quer essa sílaba seja a tônica (‘Júlia’, ‘Júnior’), quer não (‘Jussara’, ‘Juliana’), uma vez que não há, nesse caso, fidelidade suficiente para que se evoque apenas um prenome.

Vale ressaltar que cada padrão comporta-se de uma maneira distinta e, portanto, as análises também serão diferenciadas, pelo menos neste ponto da pesquisa. O antropônimo ‘Eduardo’, por exemplo, funciona como base para a criação de pelo menos quatro hipocorísticos: ‘Dádo’, ‘Edu’, ‘Dú’ e ‘Dudú’. O primeiro hipocorístico é selecionado como forma ótima no padrão *default*; o segundo emerge no sistema B; o terceiro e o quarto hipocorísticos são característicos do padrão C, que admite alternância entre formas simples e formas reduplicadas (THAMI DA SILVA, 2008). Assim, para cada sistema de hipocorização pode ser proposto um *ranking* de restrições distinto, e é nesse sentido que a análise será encaminhada nas próximas seções.

O padrão *default* de hipocorização – a cópia dos segmentos à direita

O padrão A caracteriza quase setenta por cento dos dados (GONÇALVES, 2004a)² e, por isso mesmo, constitui o sistema mais produtivo, podendo ser considerado modelo geral para a formação de hipocorísticos no português brasileiro (GONÇALVES, 2005a). Como dissemos, esse padrão tem como principal característica a manutenção do acento lexical das palavras-matrizes: a parte envolvida é justamente aquela que contém a sílaba proeminente, que não pode ser removida de sua posição original. Levando em conta a estrutura silábica, esses hipocorísticos são divididos em quatro grupos, como se vê nos exemplos a seguir.

(03)

Felipe > Lípe	Raquel > Quél	Alexandre > Xânde	Débora > Déba
Antônio > Tônimo	Isabel > Bél	Gumercinda > Cínda	Rômulo > Rômo
Augusto > Gúto	Maricéu > Céu	Fernando > Nândo	Américo > Méco
Filomena > Mêna	Nicolau > Láu	Reginaldo > Nálido	Alcebíades > Bíde
Roberto > Béto	Miguel > Guél	Rosimeire > Mêire	Austregésilo > Géso






O primeiro, mais produtivo que os demais, é exemplificado pelas formações da primeira coluna e apresenta estrutura ‘CV.CV. O segundo, formado por monossílabos, compreende os nomes da coluna 2 e tem padrão silábico ‘CVC³. Nesse grupo, a palavra-matriz é oxítone e a sílaba final é travada por uma líquida (‘Isabel’) ou apresenta ditongo decrescente (‘Nicolau’). O terceiro grupo (coluna 3), com estrutura ‘CVC.CV, reúne hipocorísticos dissilábicos com sílaba proeminente pesada. O último, característico de antropônimos proparoxítonos, tem estrutura predominantemente ‘CV.CV, como o primeiro, mas difere deste porque o prenome recebe acento na terceira sílaba da direita para a esquerda.

² O *corpus* é constituído de dados extraídos do dicionário de hipocorísticos elaborado por Monteiro (1999) e de formas obtidas por meio de variados testes aplicados durante os anos de 2004, 2005 e 2006.

³ Posteriormente, com base na análise de Gonçalves (2004a), Lima (2008) verifica que alguns dados da coluna 2, na verdade, correspondem à forma variante de casos de reduplicação, como em ‘Isabel’ > ‘Bebél’ e ‘Bél’.

Como as formas em (03) são minimamente bimoraicas e maximamente dissilábicas, duas restrições podem ser formuladas e devem ocupar as primeiras posições do *ranking* de prioridades⁴: TODOPÉ (D) (ALLFOOT, R) e ANALISE- σ (PARSE- σ). A primeira requer o alinhamento dos pés (Σ) à direita da palavra prosódica (PrWd) e a segunda, que sílabas (σ) sejam devidamente incorporadas a pés (ver Glossário). Se uma forma de *input* apresenta três sílabas ou mais, o encurtamento é inevitável, pois só assim haverá total obediência a essas duas demandas, como se observa no *tableau* abaixo, em que o símbolo μ representa mora, pés são delimitados por parênteses e PrWds, por colchetes:

(04)

$\sigma\sigma\sigma$	TODOPÉ(D)	ANALISE- σ
a) $[(\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$	*!	
b) $[(\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$	*!	
c) $[(\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$	*!	
d) $[(\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$	*!*	
e) $[(\sigma_{\mu})_{\Sigma} (\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$	*!	
f) $[\sigma_{\mu} (\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$		*!
g) $[(\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma} \sigma_{\mu}]_{PrWd}$	*!	*
h) $[(\sigma_{\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$ 		
i) $[(\sigma_{\mu\mu}\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$ 		
j) $[(\sigma_{\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$ 		
l) $[(\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$ 		
m) $[(\sigma_{\mu} \sigma_{\mu\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$ 		
n) $[\sigma_{\mu} (\sigma_{\mu\mu})_{\Sigma}]_{PrWd}$		*!

Pelo *tableau*, constata-se que é mal-sucedido qualquer candidato com mais de duas sílabas, seja por não respeitar a integração de sílabas a pés (f, g, n), seja por não alinhar algum pé com a margem direita da palavra prosódica (a-e; g).



⁴ Na verdade, as restrições TODOPÉ (D) e ANALISE- σ são as mais altas em todos os padrões de hipocorização aqui analisados, razão pela qual serão omitidas nas próximas seções, nas quais serão propostos candidatos com, no máximo, duas sílabas.

A solução para passar ileso por tais restrições é diminuir o número de sílabas, como fazem os candidatos (h-m). No entanto, essa redução deve atender à condição de que sílabas sejam devidamente parseadas. Por essa razão, a estrutura em (n), embora menor que o *input*, deixa a sílaba inicial desgarrada e é eliminada por ANALISE- σ .

O encurtamento da forma lexical de base é inevitável quando restritores de palavra prosódica dominam restrições de fidelidade. Assim, para haver hipocorização, alguma perda segmental deve necessariamente ocorrer e, em consequência, formas inteiramente fiéis ao *input* jamais serão consideradas hipocorísticas.

No padrão *default*, a fidelidade ao *input* é assegurada pelo restritor ANCOR (D) (ANCHOR H, D; A, D – “ancoragem da margem direita (D) do hipocorístico (H) à margem direita (D) do antropônimo (A)”). Desse modo, se encurtamentos são inevitáveis, para atender ANALISE- σ e TODOPÉ, não podem ser fortuitos: devem preservar a margem direita da forma de base. A restrição ANCOR (D) penaliza apagamentos e inserções efetuados na periferia direita do antropônimo e exige que o hipocorístico seja fiel a essa margem. Como, nesse sistema, o acento lexical do prenome é preservado no hipocorístico correspondente, a restrição de fidelidade HEADMAX (Maximidade da cabeça prosódica), que milita contra apagamentos na sílaba proeminente da forma de base, é de vital relevância na análise. Vejam-se, a seguir, os efeitos de HEADMAX e ANCOR (D) na seleção do hipocorístico de ‘Fernando’⁵:


(05)

[(‘fêr)(nan .do)]	ANCOR(D)	HEADMAX
a) [(‘fêr)]	n ! a n d o	
b) [(‘nan.du)] 		
c) [(‘nan)]	d ! o	
d) [(fêr.’nan)]	d ! o	
e) [(‘na.du)]		*!
f) [(nan.’dô)] 		

⁵ Neste e nos demais *tableaux*, utilizaremos a transcrição grafemática. Só faremos uso de transcrições fonéticas quando da necessidade de explicitar fatos fônicos relevantes na estrutura segmental de candidatos. O acento agudo sobre as vogais representa médias abertas e o circunflexo, fechadas. Além disso, utilizamos as seguintes convenções na representação do *input* e dos candidatos: o ponto (.) demarca fronteira silábica; os parênteses () indicam a formação de pés e os colchetes [] delimitam a PrWd; um clique (°) prefacia a sílaba dominante do pé; o negrito no *input* representa a sílaba tônica do antropônimo.

ANCOR (D) contabiliza a distância que separa a margem direita do hipocorístico da margem correspondente do antropônimo. Desse modo, o primeiro candidato viola cinco vezes esse restritor porque apaga a sequência ‘nando’. Os candidatos (c) e (d) deletam a sílaba final e, por isso, infringem duas vezes ANCOR(D). Somente (b), (d) e (f) obedecem à restrição de ancoragem, mas (e) apaga a nasal, o que corresponde a uma violação de HEADMAX. O falso vencedor, ‘nandô’, infiel ao acento do antropônimo, pode ser barrado pelo restritor STRESSFAITH (v. Glossário)⁶, que desfavorece qualquer mudança na posição da sílaba tônica do *input* para o *output*:

(06)

[('fêr)(nan .do)]	ANCOR(D)	HEADMAX	STRESSFAITH
b) [('nan.du)] 			
f) [(nan.'dô)]			*!

Restritores de marcação podem distorcer a fidelidade dos hipocorísticos em relação aos antropônimos correspondentes. Os dados abaixo mostram que a posição de *onset* é sempre preenchida, mesmo nos casos em que o pé nuclear se inicia por vogais ou [r]:

(07) Eduardo > Dádo Murilo > Lílo
Mariana > Nâna Nazareno > Nêno
Joelma > Mélma Eurípedes > Pípe (obtido por ‘Pipinho’)




Três restrições de marcação focalizam diretamente a posição de ataque silábico: (a) ONSET, que milita em favor do preenchimento da margem esquerda da sílaba; (b) * $[r_{PrWd}]$, que desfavorece tepes em início de PrWd (GONÇALVES, 2005a: 96); e (c) ALLITERATION (ALLIT), que prioriza sílabas adjacentes com *onsets* idênticos (YIP, 1999: 01). ALLIT é dominada

⁶ NOFLOP (KURISU, 2001: 212) equivale ao restritor de correspondência STRESSFAITH (STRESSFAITHFULNESS) (MORÉN, 1999: 192), que requer que o acento primário de S1 (nesse caso, o antropônimo, A) seja conservado na mesma posição em S2 (nesse caso, o hipocorístico, H).

pelas duas outras restrições de *onset* porque seus efeitos só se mostram visíveis quando o pé nuclear do antropônimo não tem ataque (‘Eduardo’ > ‘Dádo’) ou se inicia por [r] (‘Murilo’ > ‘Lílo’).

Os restritores de fidelidade IDENT-C (consoantes são idênticas em S_1 e S_2) e DEP (nenhum segmento é inserido em S_2) são violados para satisfazer ONSET e $*[r_{PrWd}]$, já que ‘Dádo’ e ‘Lílo’ obedecem a essas últimas demandas, mas acabam violando IDENT e DEP, nesta ordem. ALLIT, no entanto, tem de ser dominada pelos restritores de fidelidade, pois sílabas com *onsets* idênticos só aparecem quando antropônimos apresentam pés nucleares sem ataque (‘Mariana’) ou iniciados por [r] (‘Nazareno’). O *ranking* ONSET ; $*[r_{PrWd}]$ >> IDENT ; DEP >> ALLIT contempla as relações de correspondência envolvendo ataques silábicos, como se vê no *tableau* abaixo, em que são propostos três candidatos para cada forma de base⁷: um inteiramente fiel ao pé nuclear do *input*, um segundo com alteração no primeiro *onset*, e um terceiro com ataques idênticos:

(08)

[('na.za)(rê.no)]	ONSET	$*[r_{PrWd}]$	IDENT	DEP	ALLIT
a. [(rê.no)]		*!			*
b. [(dê.no)]			*		*!
c. [(nê.no)] 			*		
[('ma.ri)(lê.na)]	ONSET	$*[r_{PrWd}]$	IDENT	DEP	ALLIT
a. [(nê.na)]			*!		
b. [(lê.na)] 					*
c. [(mê.na)]			*!		*
[('ma.ri)(a.na)]	ONSET	$*[r_{PrWd}]$	IDENT	DEP	ALLIT
a. [(a.na)]	*!				*
b. [(la.na)]				*	*!
c. [(na.na)] 				*	

⁷ No *tableau* em (08), só aparecem candidatos que satisfazem as três demandas já analisadas: ANCOR (D), HEADMAX e STRESSFAITH. No caso de ‘Mariana’ > ‘Nâna’, a restrição HEADMAX é violada para satisfazer ONSET, o que nos mostra que ONSET domina HEADMAX. Essa questão será discutida mais adiante.

No caso de ‘Nazareno’, o candidato (a) deixa um tepe em início de PrWd e é sumariamente eliminado pela restrição de marcação contextualizada $*[r_{PrWd}]$. A escolha entre os dois candidatos que violam IDENT-C, por substituírem o tepe, é feita por ALLIT, pois somente em (c) as sílabas adjacentes têm *onsets* idênticos. No caso de ‘Marilena’, candidatos que substituem o ataque que inicia o pé nuclear são descartados por IDENT-C e emerge uma forma mais fiel ao *input* (b). Por fim, em ‘Mariana’, ONSET elimina (a) e é novamente ALLIT a restrição responsável pela escolha entre duas formas que violam um restritor de fidelidade (nesse caso, DEP). O conflito entre MARCAÇÃO e FIDELIDADE é resolvido com um *ranking* em que restritores de marcação (ONSET, $*[r_{PrWd}]$) dominam restritores de fidelidade (IDENT, DEP), do mesmo modo que exigências de fidelidade (IDENT, DEP) também dominam de marcação (ALLIT).

O conflito entre MARCAÇÃO e FIDELIDADE é visível também em dados como ‘Alexandre’ > ‘Xânde’, ‘Gertrudes’ > ‘Túde’, ‘Augusto’ > ‘Gúto’, ‘Roberto’ > ‘Béto’ e ‘Eduardo’ > ‘Dádo’, entre tantos outros. A restrição HEADMAX (Maximização da cabeça de PrWd) é violada para satisfazer exigências relacionadas à sílaba, como (a) o preenchimento do ataque, (b) a militância contra *onsets* complexos e (c) o condicionamento das codas. O apagamento de um ou mais segmentos do pé nuclear é, portanto, o preço que se paga pelo melhor atendimento a demandas da família MARCAÇÃO. Isso evidencia que HEADMAX é violada apenas para satisfazer exigências relacionadas à constituição silábica. Desse modo, propomos a seguinte escala envolvendo as três primeiras restrições de fidelidade apresentadas (ANCOR (D), HEADMAX e STRESSFAITH) e os restritores focados na sílaba:

(09) ANCOR (D) >> STRESSFAITH >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ;
 CODACOND >> HEADMAX

O restritor *COMPLEX^{onset} desfavorece ataques complexos e CODACOND – nesse caso CODACOND_{[+nasal]/[+vocalico]} – requer codas preenchidas apenas por nasais (‘Fernando’ > ‘Nando’; ‘Gumerinda’ > ‘Cínda’) ou semivogais (‘Reginaldo’ > ‘Náldo’; ‘Rosimeire’ > ‘Mêire’; ‘Isabel’ > ‘Bél’). A interação dos restritores em (09) pode ser vista no *tableau* a seguir:

(10)

[(‘a.lê)(‘xan.dre)]	ANCOR	STRESS FAITH	ONSET	*COMPLEX	CODA COND	HEAD
						MAX
a. [(‘xan.di)] [☞]						
b. [(‘xan.dri)]				*!		
c. [(‘xá.di)]						*!
d. [(lê.‘xan)]	d ! r e					
[rô(‘bér.to)]						
a. [(‘ró.bi)]	e ! r t o	*				
b. [(‘bér.to)]					*!	
c. [(‘bé.to)] [☞]						*
d. [(‘bét)]	o !				*	
[(‘ma.ri)(‘a.na)]						
a. [(‘a.na)]			*!			
b. [(‘ri.a)]	n ! a	*	*			
c. [(‘na.na)] [☞]						
d. [(‘nã)]						*!

Em (10), o candidato vitorioso para o *input* ‘Alexandre’ satisfaz as demandas relacionadas à sílaba, mas acaba sacrificando ainda mais a relação de identidade antropônimo-hipocorístico, por apagar um segmento do pé nuclear (‘xândre’). O mesmo acontece com ‘Béto’ (c), para o prenome ‘Roberto’, que, ao apagar a vibrante, supera o rival ‘Bérto’ (b), mais fiel ao *input*, na restrição CODACOND_{[+nasal]/[+ vocálico]}. Por fim, a epêntese é a solução encontrada pelo candidato (c) a hipocorístico de ‘Mariana’ para passar ileso pelos restritores de sílaba e por HEADMAX.

A obediência à restrição ANCOR (D) caracteriza o padrão A de hipocorização⁸. No entanto, outras demandas devem ser satisfeitas, de modo

⁸ Na verdade, a condição de ancoragem à direita só é desrespeitada nos casos em que o antropônimo apresenta uma sibilante na periferia direita, a exemplo de ‘Gertrudes’ > ‘Túde’ e ‘Alcebiádes’ > ‘Bíde’. Desse modo, podemos redefinir ANCOR (D) para assegurar a emergência das formas corretas. Assumindo que o -s final não constitui unidade de peso em português, a ancoragem do hipocorístico é à mora final do antropônimo (não a seu segmento mais periférico à direita). A formulação completa da restrição de ancoragem é, portanto, ANCOR μ (D, A), μ (D, H): “a mora final do hipocorístico é ancorada à mora final do antropônimo”.

a não permitir determinadas configurações silábicas, o que é assegurado pelo melhor atendimento a ONSET, *COMPLEX^{onset} e CODACOND_{[+nasal]/[+ vocálico]}. O ranking final para o padrão *default* é o seguinte, eliminando-se as restrições TODOPÉ (D) e ANALISE-σ, responsáveis pela minimização das formas de base (ver nota 4):

- (11) ANCOR (D) >> STRESSFAITH >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ;
 CODACOND_{[+nasal]/[+ vocálico]} >> HEADMAX >> *_[r_{PrWd}] >> IDENT-C ;
 DEP >> ALLITERATION

Para validar a hierarquização proposta, apresentamos, no *tableau* abaixo, uma avaliação completa dos candidatos à hipocorização do antropônimo ‘Gertrudes’:

- (12)

[(gêr)(tru.des)]	ANCOR	STRESSFAIFH	ONSET	*COMPLEX	CODACOND	HEADMAX	* _[r_{PrWd}]	IDENT	DEP	ALLIT
a. [(tu.di)] [☞]						r				*
b. [(tu.dis)]					*!	r				*
c. [(tru.di)]				*!						*
d. [(tru.dis)]				*!	*					*
e. [(du.di)]						r		*!		
f. [(ru.di)]						t	*!			*
g. [(u.di)]			*!			t r				*
h. [(tu.ti)]						r		*!		
i. [(gêr.'tru)]	d ! e			*	*					*
j. [(gê.tru)]	d ! e	*		*						*

No *tableau* em (12), passam pelas demandas mais importantes apenas candidatos que se aproveitam maximamente do pé nuclear do antropônimo (a-h), o que é assegurado pela obediência à ANCOR e STRESSFAITH. Formas mais fiéis à margem direita do prenome (b-d), no entanto, não respeitam as condições de boa-formação silábica e são descartadas pelos restritores de sílaba (ONSET, CODACOND e *COMPLEX). A perda de segmentos é a estratégia

utilizada por três concorrentes (a), (e) e (f) para superar os rivais, mas apenas a forma (a) consegue atender IDENT-C e *[r_{PrWd}], sendo então escolhida como hipocorístico de ‘Gertrudes’. Nas próximas seções, analisamos os padrões B, C, D e E, nesta ordem, para, por fim, tecermos considerações mais gerais sobre esses agrupamentos.

O padrão B da hipocorização – a cópia dos segmentos à esquerda

Com base em Gonçalves (2004a), Thami da Silva (2008) propôs a análise do padrão B de hipocorização, caracterizado por manter os segmentos melódicos à esquerda da base, como nos exemplos em (13), a seguir:

- | | | |
|------|------------------|-----------------|
| (13) | Alessandra > Alê | Leonardo > Léo |
| | Rafael > Ráfa | Beatriz > Bía |
| | Cristina > Crís | Priscila > Prí |
| | Carolina > Caról | Valquíria > Vál |
| | Mariana > Mári | Janaína > Jâna |

A hipocorização com cópia à esquerda forma até um pé binário, como o padrão *default*. No que se refere à estrutura silábica, são observadas complexidades estruturais, decorrentes da fidelidade total à margem esquerda do antropônimo. Nesse padrão, o fator mais importante para a formação dos hipocorísticos é a ancoragem à esquerda e, por essa razão, há dados que mantêm estruturas silábicas complexas, como em ‘Cristina’ > ‘Crís’, ao lado de outros, que apresentam configuração do tipo CV.’CV, como ‘Manuela’ > ‘Manú’.

Quanto ao acento, hipocorísticos do tipo B podem ser oxítonos, como em ‘Alessandra’ > ‘Alê’, ou paroxítonos, como em ‘Mariana’ > ‘Mári’. A posição do acento, por sua vez, é condicionada por três fatores: (a) encurtamentos terminados em vogais médias têm acento à direita, como em ‘Godofredo’ > ‘Godô e ‘Adelaide’ > ‘Adê’; (b) hipocorísticos dissilábicos terminados em [i] recebem acento na primeira sílaba, como em ‘Tatiana’ > ‘Táti’ e ‘Vladimir’ > Vládi’, e (c) encurtamentos efetuados a partir de antropônimos constituídos por três ou mais sílabas são fiéis ao acento secundário, como ocorre em ‘Rafael’ > ‘Ráfa’ e ‘Daniele’ > ‘Dâni’.

Considerando, então, as principais características do tipo B de hipocorização à luz da Teoria da Otimalidade, a restrição mais importante a compor a hierarquia⁹ do padrão em análise é ANCOR (E) – ANCHOR H, E; A, E (“ancoragem da margem esquerda (E) do hipocorístico (H) à margem esquerda (E) do antropônimo (A)”). Esse restritor exige nivelamento da margem esquerda do antropônimo com a margem esquerda do hipocorístico. Dessa forma, é violado quando não há perfeita coincidência entre a borda esquerda da palavra-base e a borda esquerda da forma encurtada.

A razão para que essa restrição ocupe a primeira posição no *ranking* refere-se ao fato de que, segundo revelam os dados, o total respeito ao margearamento à esquerda caracteriza todas as formas desse grupo de hipocorísticos. Com base nessa constatação, podemos notar que as restrições seguintes à de ancoragem, isto é, as de sílaba, são dominadas na hierarquia, já que, em primeiro lugar, é preciso respeitar a correspondência à esquerda, fator prioritário na formação do padrão B, para, então, regular o tipo de estrutura silábica que aparece nos encurtamentos.

Desse modo, dados reais que violam ONSET, *COMPLEX^{onset} e CODACOND_[+contínua], restritores que atuam em conjunto no padrão B, mostram um conflito de demandas: de um lado, ANCOR requer a manutenção total da margem esquerda da palavra-matriz; de outro, restritores de sílaba militam pelo preenchimento da posição de ataque (ONSET), sendo este simples (*COMPLEX^{onset}), e pelo não-preenchimento da coda por consoantes oclusivas (CODACOND_[+contínua]). Esse conflito entre demandas está representado no *tableau* (14), referente ao antropônimo ‘Francine’:

⁹ No processo de hipocorização como um todo, os restritores mais altos na hierarquia são ANALISE- σ e TODOPE(D), que são invioláveis, considerando que hipocorísticos formam palavra mínima na língua. Dessa forma, a fim de tornar a análise mais econômica, não formularemos candidatos que violem esses restritores, como antecipamos na nota 4. O mesmo ocorre com UNIQUENESS (o produto de um processo morfológico é foneticamente distinto de uma forma pré-existente na língua), pois, se a hipocorização origina novos itens lexicais, palavras que equivalham a outras estruturas linguísticas do português também são brecadas na hierarquia do padrão de hipocorização em análise. Sendo assim, nenhum dado apresentado como candidato a *output* terá mais de um pé binário nem será igual a qualquer palavra do português.

(14)

[('fran)('ci.ne)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODACOND
a) [('fra]			*	
b) [(nê.'nê)]	f ! r a n			
c) [('ci.ni)]	f ! r a n			
d) [(ci.'ci)]	f ! r a n			
e) [('fran]			*	

No *tableau* em (14), os candidatos (b), (c) e (d) violam ANCOR, já que apagam todos os segmentos à esquerda do antropônimo. No entanto, os candidatos (a) e (e), que ainda seguem na disputa, por respeitarem ANCOR, violam o restritor *COMPLEX^{onset}, já que a sequência CCV, correspondente a 'fra' e presente nos candidatos (a) e (e), caracteriza um *onset* complexo. Com isso, observa-se que a violação ao restritor de sílaba é o preço a ser pago pela satisfação total à correspondência à esquerda.

Tendo em vista o *tableau* em (14), deve-se acrescentar, também, que a diferença do candidato (a) para o (e) está, apenas, na manutenção de um segmento. O restritor que garante o não-apagamento de segmentos fônicos do *input* para o *output* e, portanto, o próximo a ocupar o *ranking* de prioridades na hipocorização do tipo B é MAX-IO. Por se tratar de um processo de encurtamento, essa restrição é sempre violada, mas a infração deve ser mínima, a fim de que o hipocorístico possibilite o rastreamento do antropônimo. Assim, ainda que dominada, MAX-IO desempenha papel importante na análise desse padrão, como mostra o *tableau* em (15), a seguir:

(15)

[('fran)('ci.ne)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODACOND	MAX-IO
a) [('fra]			*		n c i n e !
e) [('fran]			*		c i n e

Dos candidatos que restaram na análise do antropônimo 'Francine', (a) e (e), o primeiro é eliminado ao infringir pela quinta vez MAX-IO. Assim, (e), já nesse momento da análise, é definido como candidato ótimo. Vemos, então,

que um restritor dominado tem seus efeitos visíveis, o que, na literatura, caracteriza a emergência do não-marcado (McCARTHY & PRINCE, 1994b).

Para antropônimos como ‘Francine’, o *ranking* ANCOR (E) >> ONSET; *COMPLEX^{onset} ; CODACOND_[+contínua] >> MAX-IO é plenamente satisfatório e sempre faz emergir o *output* real. No entanto, restrições relacionadas ao acento, apesar de não atuarem na seleção do candidato ótimo ‘Fran’, por exemplo, são importantes para a definição do tipo B de hipocorização. O acento não é pré-determinado na formação do hipocorístico, como mostrou a análise apresentada nos *tableaux* em (14) e (15); no entanto, o fato de o acento recair à direita ou à esquerda da palavra prosódica resultante depende do respeito às restrições IDENT_[+aberto 2] *1_{PrWd} e STRESSFAITH.

A primeira restrição, que desfavorece a permuta do traço [+ aberto 2] do *input* para o *output*, faz com que o acento recaia à direita da palavra prosódica sempre que o hipocorístico termine em vogais médias, como ocorre em ‘Alessandra’ > ‘Alê’ e ‘Godofredo’ > ‘Godô’. A razão para que se acentue nessas vogais é evitar a neutralização das postônicas, fatalmente levada a cabo se a sílaba inicial for a proeminente (‘gódo’ e ‘ále’), como mostra o *tableau* em (16), correspondente ao antropônimo ‘Godofredo’:

(16)


[('gô.dô)(frê.du)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODACOND	MAX	IDENT
a) [('gô)]					d o f r e d o	
b) [('gô.du)]					f r e d o	*!
c) [('frê.du)]	g ! o d o		*		g o d o	
d) [('frê.di)]	g ! o d o		*		g o d o	*
e) [(gô.'dô)]					f r e d o	

Na avaliação acima, os candidatos (c) e (d) são eliminados por ANCOR, visto que apagam toda a margem esquerda da palavra-base. O candidato (a), por sua vez, é eliminado ao apagar sete segmentos do prenome, violando, assim, mais vezes a restrição de fidelidade MAX-IO. Dessa forma, seguem na disputa (b) e (e), que se diferenciam, unicamente, pelo fato de, em (b), a vogal média final sofrer alteamento e, em (e), não. IDENT_[+aberto 2] o restritor que garante a não-permuta da especificação [+ aberto 2], elimina a forma (b),

dado em que, devido ao acento recair à esquerda da palavra prosódica, a vogal final de ([‘go.du]) sofre neutralização, emergindo, então, o *output* (e) como a forma ótima, mais fiel ao *input*. Assim, nota-se que, apesar de não ter efeitos visíveis na seleção do candidato ótimo referente ao antropônimo ‘Francine’, por exemplo, IDENT é um restritor fundamental na análise de dados terminados em vogais médias, conforme se evidencia no *tableau* (16).

Um restritor de marcação contextualizada desfavorece o acento na vogal [i], quando em final de palavra prosódica: *i]PrWd’. O emprego dessa restrição decorre do respeito praticamente total¹⁰ a essa demanda, como em ‘Patrícia’ > ‘Páti’; ‘Tatiana’ > ‘Táti’ e ‘Vladimir’ > ‘Vládi’, conforme mostra o *tableau* a seguir, referente ao antropônimo ‘Josiane’:

(17)

[('jô.si)(a.ne)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODA COND	MAX	IDENT	*i]PrWd'
a) [(‘jô)]					s i a n ! e		
b) [(‘a.ne)]	j ! o s i	*			j o s i		
c) [(‘zi)]	j ! o				j o a n e		*
d) [(‘jô.zi)]					a n e		*!
e) [(‘jô.zi)] 					a n e		

Em (17), (b) e (c) são eliminados por não respeitarem a ancoragem do hipocorístico à margem esquerda do antropônimo. Assim, seguem, na disputa, as formas (a), (d) e (e). O candidato (a), ao violar pela quarta vez MAX, é eliminado, considerando que deve haver uma relação mínima de fidelidade entre o prenome e a forma encurtada correspondente. Dos *outputs* (d) e (e), que seguem na disputa, a forma vencedora é (e), única remanescente que

¹⁰ O único dado que viola essa restrição é ‘Gabriela’ > ‘Gabi’. No entanto, entrevistando alguns informantes, cujos prenomes fossem ‘Gabriel’ ou ‘Gabriela’, todos admitiram a existência de duas estruturas encurtadas para ‘Gabriel’ e ‘Gabriela’, no caso ‘Gábi’ e ‘Gabi’. Segundo os falantes, a primeira forma se refere ao prenome masculino e à outra, ao feminino, o que, por sua vez, caracteriza uma distinção de gênero a partir da posição do acento. Sendo assim, a forma seria preterida em relação ao uso e, devido à restrição que proíbe o acento em [i] final, apenas o candidato ‘Gábi’ emergiria como ótimo na hierarquia proposta.

atende * \uparrow _{PrWd}, já que o candidato (d) acentua a vogal [i] final. Dessa maneira, verifica-se que, por mais que não tenha efeitos visíveis na análise dos dados ‘Francine’ e ‘Godofredo’, o restritor de marcação contextualizada * \uparrow _{PrWd} mostra-se pertinente para a análise de casos como o de ‘Josiane’.

A restrição que ocupa a última posição na hierarquia da hipocorização tipo B é STRESSFAITH, cujo objetivo, nesse caso, é manter a fidelidade ao acento secundário do *input* para o *output*, como ocorre em dados do tipo ‘Rafael’ > ‘Ráfa’; ‘Jurací’ > ‘Júra’ e ‘Rosilene’ > ‘Rôse’. Os efeitos dessa restrição podem ser vistos no *tableau* abaixo, relativo ao prenome ‘Itamar’:

(18)

[(i.ta)(mar)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODA COND	MAX	IDENT	* \uparrow _{PrWd}	STRESS FAITH
a) [(i.ti)]		*			a m a r !			
b) [(ta.'ta)]	i !				i m a r			*
c) [(ta.'mar)]	i !				i			
d) [(i.'ta)]		*			m a r			*!
e) [(i.ta)] \rightarrow		*			m a r			

Na análise de ‘Itamar’, os candidatos (b) e (c) infringem ANCOR por não nivelar a margem esquerda do hipocorístico à borda correspondente do antropônimo e, com isso, são eliminados da disputa. A forma (a) viola quatro vezes MAX-IO, o que, por sua vez, acarreta menor fidelidade entre a forma encurtada e a subjacente. Dos candidatos (d) e (e), que seguem ainda no páreo, emerge a forma ótima (e), já que (d), por acentuar a sílaba ‘tá’, não respeita a restrição que exige fidelidade ao acento secundário. Dessa maneira, o restritor STRESSFAITH, embora dominado, reflete a alternância melódica do acento em português e, portanto, compõe a hierarquia do tipo B de hipocorização, mostrando-se eficiente à análise de dados como ‘Itamar’.

Com base nas três últimas restrições apresentadas, deve-se ressaltar que estas entram nas últimas posições da hierarquia, uma vez que decidirão, entre os candidatos restantes, por aquele que melhor acentua, levando-se em conta a melhor satisfação a essas demandas. O ranqueamento IDENT >> * \uparrow _{PrWd} >> STRESSFAITH revela que a restrição IDENT é, das três, a mais bem

cotada, pois preservar a identidade de traços é uma forma de assegurar a melhor rastreabilidade do *input*. Assim, IDENT força uma relação de fidelidade mais estrita entre a forma hipocorizada e o prenome que ela evoca.

O restritor $*f]_{PrWd}$ ocupa, na hierarquia, a posição subsequente à IDENT, sobretudo pelo fato de ser uma restrição violada ao focalizar estruturas monossílabas (como ‘Priscila’ > ‘Prí’). Com isso, a fim de garantir a emergência dessas formas, esse restritor, além de dominado, deve estar subordinado à restrição referente à identidade de traços fonológicos. Por último, STRESSFAITH regula as formas que passam pelos demais restritores, impedindo que emirjam candidatos totalmente infíeis às relações de proeminência que se estabelecem no *input*.

Com base nas características acentuais que perpassam o processo ora analisado, temos, em (19), a hierarquia final para o padrão de hipocorização com cópia à esquerda:

- (19) ANCOR (E) >> ONSET ; *COMPLEX^{onset}; CODACOND_[+contínua] >> MAX-IO >> IDENT_[+aberto 2] >> $*f]_{PrWd}$ >> STRESSFAITH

Os efeitos de EVAL podem ser vistos na análise do antropônimo ‘Heloísa’, levada a cabo no *tableau* em (20), a seguir:

(20)

[(‘ê.lo)/(‘i.sa)]	ANCOR	ONSET	*COMPLEX	CODACOND	MAX	IDENT	$*f]_{PrWd}$	STRESSFAITH
a) [(‘ê[w]]		*			o i s a !	*		
b) [(lô.'lô)]	e !				e i s a			*
c) [(‘i.sa)]	e ! l o	*			e l o			
d) [(‘ê.lu)]		*			i s a	*!		
e) [(ê.'lô)]		*			i s a			*

No *tableau* em (20), os primeiros candidatos eliminados são (b) e (c), pois ambos infringem pelo menos uma vez o restritor de ancoragem. Seguem no páreo os candidatos (a), (d) e (e). Os três violam ONSET, pois não preenchem a posição de ataque silábico, mas a infração decorre da satisfação à excelente

ancoragem à margem esquerda do antropônimo. Sendo assim, como os demais candidatos já haviam sido eliminados, os três *outputs* continuam na disputa. Na avaliação do restritor antiapagamento, o concorrente (a), por deletar quatro segmentos, também é eliminado. Em seguida, o candidato (d) é descartado por IDENT, já que, pelo fato de o acento recair na sílaba à esquerda da palavra prosódica, há permuta de traços do *input* para o *output* (aplica-se a regra de neutralização e /o/ passa a [u]). A forma de superfície em (e) é, pois, a vencedora, ainda que viole STRESSFAITH. Como ‘Heloísa’ apresenta dois pés binários com cabeça à esquerda, a forma resultante, ‘Helô’, com cabeça à direita, apesar de vencedora, não é fiel ao primeiro pé da forma subjacente (um troqueu).

Sendo assim, a partir da análise de ‘Heloísa’, a hierarquia de prioridades do padrão B de hipocorização mostra-se, de fato, satisfatória e, através do conflito entre demandas, conforme postula a TO, trazemos à tona questões referentes à interface Morfologia-Fonologia no português, como bem destacaram Gonçalves (2004a), na abordagem do padrão *default* de hipocorização, e Thami da Silva (2008), na descrição do tipo B e C, conforme apresentado a seguir.

O padrão C da hipocorização - a reduplicação à esquerda

O padrão C de hipocorização estrutura-se a partir da primeira sílaba com *onset* à esquerda da base, que pode ou não sofrer reduplicação, como mostram os dados em (21):

- | | |
|---------------------------|---------------------|
| (21) Fernanda > Fefê e Fé | Renata > Rê |
| Luciana > Lulú e Lú | Fátima > Fafá e Fá |
| Eduardo > Dudú e Dú | Jamile > Jajá e Já |
| Tereza > Tetê e Tê | Liane > Lilí e Lí |
| Gustavo > Gugú e Gú | Leandro > Lelê e Lê |



Ao contrário do que ocorre nos hipocorísticos do tipo B (‘Cleonice’ > ‘Cléo’), o padrão C privilegia a simplificação de estruturas silábicas, em detrimento da estrita equivalência de margens na relação antropônimo-hipocorístico. Além disso, o acento é fundamental para a seleção do candidato ótimo, já que não há estrutura hipocorística do tipo C com pé trocaico; logo, nesse padrão, a tonicidade cai sobre a sílaba à direita, o que configura a formação de pés iâmbicos, como revelam os dados em (21).

Um outro fator a ser destacado nesse tipo de hipocorização é a variação entre o uso de formas simples e formas com acréscimo de reduplicante. Ao contrário do que ocorre nos tipos A ('Francisco' > 'Chíco') e B ('Carolina' > 'Caról'), o padrão C faz emergir duas formas de superfície para um mesmo *input*, como em 'Zulmira' > 'Zuzú' e 'Zú', caracterizando-se, assim, como um padrão variável de hipocorização.

Numa perspectiva otimalista, sete são os restritores relevantes¹¹ para a análise dos hipocorísticos do tipo C, sendo o primeiro deles IAMBO (RhTYPE=I). Esse restritor, que requer a cabeça da palavra prosódica à direita, ocupa o topo da hierarquia, já que nenhum candidato ótimo corresponde a um pé com dominância à esquerda.

Com o objetivo de promover a emergência de sílabas com formato CV – característica fundamental do tipo C de hipocorização –, após o restritor de acento, os mais cotados na hierarquia são ONSET, *COMPLEX^{onset} e NOCODA. Esses restritores atuam de maneira a privilegiar o preenchimento do ataque (ONSET), sendo este sempre simples (*COMPLEX^{onset}), e inviabilizar o travamento da sílaba (NOCODA). Pelo fato de os três restritores atuarem em prol da estrutura CV, propomos hierarquização não-crucial, conforme mostra a análise do antropônimo 'Bianca', em (22), perfeitamente condizente com a proposta de Hammond (1994), apresentada no Capítulo 2, para o tratamento da variação:

(22)

[('bi)('an.ca)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	NOCODA
a) [(bi.a)]	*!	*		
b) [(bi.'an)]		*!		*
c) [(an.ca)]	*!	*		*
d) [(bi)] 				
e) [(bi.'bi)] 				



As formas candidatas (a) e (c) violam IAMBO, já que têm proeminência acentual à esquerda. Além disso, apesar de eliminadas, violam, também,

¹¹ No processo de hipocorização, conforme visto nas análises dos padrões (A) e (B) e enfatizado na nota 4, as restrições ANALISE-σ e TODOPÉ (D) são invioláveis, considerando-se que hipocorísticos formam palavra mínima na língua.

ONSET, por apresentar ao menos uma sílaba sem ataque. O candidato (b) também viola essa restrição e, como as formas (d) e (e) seguem na disputa, é eliminado nesse ponto da avaliação. Já o restritor NOCODA, que impede o travamento da sílaba, é violado por (b) e (c), que foram eliminados por ONSET e IAMBO, respectivamente. Assim, com a hierarquia IAMBO >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ; NOCODA, temos dois *outputs* referentes ao antropônimo ‘Bianca’ e, por se tratar de um padrão variável, o tipo C de hipocorização garante a emergência de duas formas ótimas para um mesmo *input*.

Além de constituir pés iâmbicos e estrutura silábica CV, os hipocorísticos do tipo C apresentam outra particularidade – os segmentos melódicos aproveitados para a formação do encurtamento estão à esquerda da base. Sendo assim, o restritor ativado na hierarquia é ANCOR (E) - ANCHOR H, E; A, E (“ancoragem da margem esquerda (E) do hipocorístico (H) à margem esquerda (E) do antropônimo (A)”) – que, assim como no padrão B, visa a nivelar a margem esquerda do hipocorístico de modo que ela coincida com os segmentos à esquerda do antropônimo, conforme representado pela análise do prenome ‘Fátima’, em (23):



(23)

[('fa)(ti.'ma)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX ^{onset}	NOCODA	ANCOR
a) [(fa.'ti)]					
b) [('fa.ti)]	*!				
c) [(ti.'ma)]					f ! a
d) [('fa)] 					
e) [(fa.'fa)] 					

Na análise do antropônimo ‘Fátima’, o primeiro candidato eliminado é (b), já que, ao contrário do que postula IAMBO, tem cabeça à esquerda. Como todos os candidatos propostos apresentam apenas sílabas CV, os restritores ONSET, *COMPLEX^{onset} e NOCODA não são violados. O candidato (c), contudo, viola ANCOR, pois apaga os segmentos à esquerda da base e, portanto, emergem como ótimas as formas (d) e (e) – ‘Fafá’ e ‘Fá’.

O restritor de ancoragem, no entanto, não é capaz de impedir a emergência de candidatos como ‘Renata’ > *‘Rená’ e ‘Tereza’ > *‘Terê’. Diferente do padrão B, aqui está em jogo não apenas a estrita coincidência entre a borda esquerda do antropônimo e a borda esquerda do hipocorístico, mas, também, a identidade das sílabas, o que é assegurado pela satisfação a restritores como ALLITERATION e RHYME (YIP, 1999). O primeiro exige identidade em *onsets* de sílabas contíguas, como se viu na análise do padrão A, e o segundo milita pela igualdade das rimas (v. Glossário). Podemos recorrer a ALLIT para impedir que formas como ‘Rená’ e ‘Terê’ venham à superfície. O *tableau* abaixo mostra os efeitos de EVAL na seleção do hipocorístico de ‘Tereza’, com ALLIT ocupando a posição mais baixa do *ranking*:

(24)

[('tê)('rê.za)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	NOCODA	ANCOR	ALLIT
a) [(‘rê)]					t ! e	
b) [(‘rê.za)]	*!				t e	*
c) [(tê.'rê)]						*!
d) [(‘tê)] 						
e) [(tê.'tê)] 						

Nesse *tableau*, o candidato (b) é eliminado ao posicionar a cabeça à esquerda do pé, contrariando IAMBO. Os demais candidatos passam ilesos pelas restrições de sílaba. ANCOR, que elimina o candidato (a) devido à não-equivalência de segmentos à esquerda na relação antropônimo-hipocorístico, não é capaz, contudo, de arbitrar entre as formas (c), (d) e (e), que seguem ainda no páreo. Cabe, então, à ALLIT a eliminação do concorrente (c), que, apesar de fiel à margem esquerda da palavra-matriz, apresenta sílabas adjacentes com *onsets* distintos. Como (e) é monossilábico, ALLIT não se aplica, deixando emergir dois candidatos de fato consagrados pelo uso.

A hierarquia IAMBO >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ; NOCODA >> ANCOR (E) >> ALLIT dá conta da maioria esmagadora dos dados relativos ao padrão C de hipocorização. No entanto, formas iniciadas por “erre-forte” ([h], na variante carioca) apresentam uma particularidade em relação aos demais casos de encurtamento do tipo C: em dados como ‘Rogério’ > ‘Rô’ e

‘Rejane’ > ‘Rê’, apenas um *output* emerge como ótimo. Sendo assim, um último restritor deve compor a hierarquia de prioridades: NOALLIT_[h] (não-aliteração do segmento [h])¹². Esse restritor ocupa a penúltima posição do *ranking*, devendo preceder ALLIT para impedir a contiguidade de sílabas com “erre-forte” no ataque e, conseqüentemente, a reduplicação em antropônimos iniciados por [h]. Os efeitos da restrição que proíbe aliteração não são observados em dados como ‘Bianca’, ‘Fátima’ ou ‘Tereza’; apenas em casos como o de ‘Rodrigo’, como se constata no *tableau* a seguir:

(25)

[('rô)('dri.go)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	NO CODA	ANCOR	NO-ALLIT[h]	ALLIT
a) [('dri.go)]	*!		*		r o		*
b) [(ro.'dri)]			*!				*
c) [(ro.'di)]							*!
d) [(rô.'rô)]						*!	
e) [('rô)]							

Na avaliação em (25), o candidato (a) é eliminado ao violar IAMBO. A forma encurtada (a), já eliminada, e o candidato (b) infringem *COMPLEX, pois ambos apresentam *onset* ramificado. Dos encurtamentos ainda no páreo, (c) viola *i_[p,r,w,d], pois, em ‘Rodrigo’, o acento recai em um [i] final. Por fim, a forma candidata (d) é eliminada, pois, em português, não são licenciadas estruturas com “erres-fortes” no ataque de sílabas contíguas¹³. Assim, para um antropônimo como ‘Rodrigo’, apenas emerge como ótima a estrutura sem reduplicante – ‘Rô’.

¹² Esse restritor foi formulado com base em Yip (1999). Na análise do autor, ALITERATION é um restritor que requer a identidade de *onsets*. No padrão C, as formas reduplicadas sempre satisfazem ALLIT, atendendo, adicionalmente, também RHYME (v. Glossário), já que o reduplicante constitui cópia perfeita da base. No caso do “erre forte”, a aliteração nunca é possível. Em função disso, formulamos a restrição negativa NOALLIT_[h], que milita contra a reduplicação em casos em que a base se inicia por [h], a exemplo de ‘Renata’ e ‘Rogério’.

¹³ De fato, em busca nos dicionários eletrônicos Aurélio (HOLANDA, 1999) e Houaiss (HOUAISS, 2001), observamos que nenhuma palavra do português apresenta sílabas adjacentes com ataque preenchido por “erre-forte”, o que mostra ser a restrição proposta relevante não apenas à hipocorização tipo C, mas à própria gramática fonológica da língua.

Prenomes não iniciados por “erre-forte” fazem emergir duas formas de *output* para um mesmo *input*, como em ‘Bianca’ > ‘Bibí’ e ‘Bí’, ‘Fátima’ > ‘Fafá’ e ‘Fá’ e ‘Tereza’ > ‘Tetê’ e ‘Tê’; entretanto, quando o prenome se inicia por “erre-forte”, como ‘Rodrigo’, ‘Regina’ e ‘Raquel’, a restrição NOALLIT_[h], que proíbe sílabas contíguas com esse segmento em *onset*, bloqueia a emergência de dois *outputs* e, portanto, vem à superfície apenas a forma sem reduplicante.

A análise do padrão C de hipocorização é plenamente satisfatória com o *ranking* proposto em (26), a seguir. Para validar o ranqueamento, contemplamos, em (27), a avaliação de formas candidatas à hipocorização de ‘Virgínia’.

(26) IAMBO >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ; NOCODA >> ANCOR (E)
>> NOALLIT[h] >> ALLIT

(27)

[('vir)(gí.nia)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	NO CODA	ANCOR	NO- ALLIT[h]	ALLIT
a) [('vir)]				*!			
b) [(vi.'gí)]							*!
c) [(gí.nia)]	*!		*		v i r		
d) [('vi)]							
e) [(vi.'vi)]							

Na análise feita em (27), o primeiro candidato eliminado é (c), uma palavra prosódica constituída de um pé trocaico, o que contraria IAMBO. Nos restritores de sílaba, (a) é descartado por NOCODA e a forma já eliminada por IAMBO, (c), viola *COMPLEX, por formar um ditongo crescente. Das três formas remanescentes, (b), (d) e (e), (b) não alitera, apresentando um *onset* diferente em cada sílaba, e é descartado por ALLIT. Vêm à superfície, portanto, duas formas: um dissílabo com reduplicação (‘Viví’) e um monossílabo sem coda (‘Ví’). Desse modo, a hierarquia proposta para o padrão C é satisfatória e, além disso, é capaz de descrever um caso variável de hipocorização, possibilitando a emergência de até dois candidatos ótimos para uma mesma forma subjacente, conforme observou, também, Lima (2008) para a análise do padrão D, a seguir.

O padrão D de hipocorização – a reduplicação à direita

O padrão D de reduplicação permite, de maneira geral, variação entre formas simples e com reduplicação, como se constatou na análise do tipo C. Isso significa que, também aqui, mais de um *output* pode emergir como ótimo. O antropônimo ‘André’, por exemplo, possibilita ‘Dé’ e ‘Dedé’ como formas hipocorísticas, ao contrário do prenome ‘Mateus’, que só admite ‘Tetêu’. A seguir, em (28), exibimos os dados referentes ao fenômeno da hipocorização com reduplicação à direita. Como se pode ver, apenas nomes oxítonos se enquadram nesse padrão.





- | | | |
|------|---------------------|-------------------------|
| (28) | Aidê > Dê e Dedê | Isabel > Bél e Bebél |
| | Alceu > Cecêu | Jurandir > Dí e Didí |
| | Alcir > Cí e Cicí | Marcel > Cecél |
| | Amadeus > Dedêu | Marli > Lí e Lilí |
| | André > Dé e Dedé | Mateus > Tetêu |
| | Artur > Tutú | Nicolau > Láu e Laláu |
| | Barnabé > Bé e Bebé | Raquel > Quél e Quequél |

Da mesma forma que nos processos analisados anteriormente, as restrições de tamanho, TODOPÉ (D) e ANALISE- σ , dominam a hierarquia e, também aqui, não serão comentadas, já que apresentaremos como candidatas formas maximamente dissilábicas. Uma observação atenta aos dados em (28) possibilita algumas generalizações sobre o padrão em questão. Como já afirmamos, todos os hipocorísticos desse grupo são oxítonos, o que faz com que a restrição IAMBO, que postula que todos os pés devem apresentar cabeça à direita, esteja muito bem ranqueada.

Outro dado essencial é o fato de todas as sílabas terem a posição de ataque preenchida, o que nos faz concluir que o restritor ONSET também deve ser bem cotado na hierarquia. Uma terceira observação pertinente diz respeito à não-complexidade do *onset*, pois não há formação de grupo consonantal algum na posição de ataque silábico. Sendo assim, a restrição *COMPLEX^{onset} é fundamental na hierarquia, para bloquear candidatos que apresentem ataques complexos. Por fim, uma quarta observação cabe ao segmento que pode ocupar a posição de coda. Hipocorísticos como ‘Tetêu’ e ‘Bebél’, para ‘Mateus’ e ‘Isabel’, nesta ordem, apresentam, na posição de coda,

apenas semivogais¹⁴, o que nos faz adotar a restrição CODACOND_[+vocalico]. Abaixo, nos *tableaux* em (29), verificamos a atuação desses quatro restritores nos candidatos a hipocorísticos de ‘André’ e ‘Mateus’:

(29)

[(an.'dré)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	CODACOND
a) [(an.'an)]		*!*		*
b) [(.'dré)]			*!	
c) [(dré.'dré)]			*!*	
d) [(.'an.di)]	*!	*		*
e) [(dé.'dé)] 				
f) [(.'dé)] 				
[(ma.'teus)]	IAMBO	ONSET	*COMPLEX	CODACOND
a) [(.'má.ti)]	*!			
b) [(.'têus)]				*!
c) [(tê.'têus)]				*!
d) [(tê.'têu)] 				
e) ['têu] 				

Na análise dos candidatos referentes a ‘André’, a forma (d), por se tratar de um pé trocaico, viola IAMBO e, por isso, é eliminada da disputa. O conconcorrente (a) infringe duas vezes a restrição ONSET, já que apresenta duas sílabas sem ataque. A emergência dos dois bons candidatos, ‘Dé’ e ‘Dedé’, dá-se a partir do terceiro restritor, *COMPLEX, pois dois candidatos, (b) e (c), são eliminados por essa restrição porque há complexidade nos *onsets*. Como se pode observar, as restrições ONSET, *COMPLEX^{onset} e CODACOND_[+vocalico] atuam em conjunto no *ranking* do padrão de hipocorização com reduplicação à direita.

No caso de ‘Mateus’, o primeiro candidato a deixar a disputa é ‘Máti’, um nome paroxítono que infringe IAMBO. Os candidatos ‘Têus’ e ‘Tetêus’ só são eliminados em CODACOND, visto apresentarem um segmento não-vocalico

¹⁴ Na fala carioca, a líquida lateral sempre se vocaliza, realizando-se categoricamente como [w], de modo que ‘Tetêu’ e ‘Bebél’ finalizam no mesmo tipo de segmento, apesar de serem grafados com letras diferentes.

na posição de coda, e somente *glides* são permitidos nessa margem da sílaba, como confirmam os exemplos em (28). Emergem como ótimos, portanto, os candidatos ‘Têu’ e ‘Tetêu’. Diferente do primeiro caso, em que as duas formas são de fato consagradas pelo uso, no segundo, a hierarquia até então construída seleciona um falso vencedor: a forma ‘Têu’, que não se realiza como hipocorístico de ‘Mateus’.

Para impedir a superficialização de ‘Têu’, é necessário lançar mão de UNIQUENESS (PIÑEROS, 2000), uma restrição anti-homonímia que desfavorece produtos morfológicos coincidentes, em forma, com outra palavra já existente na língua¹⁵. Essa exigência faz com que a forma ‘Dêu’, por exemplo, não seja admitida como *output* ótimo do antropônimo ‘Amadeu’, já que ‘Dêu’, na língua portuguesa, equivale à conjugação do verbo *dar* na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. O mesmo acontece com o falso vencedor ‘Têu’, coincidente, em forma, com o pronome possessivo de 2ª pessoa do singular. Em todos os hipocorísticos sem variação, apresentados em (28), UNIQUENESS mostra-se relevante, como se vê no *tableau* abaixo, que contrasta formas reais reduplicadas com rivais monossilábicas. Observe-se que os monossílabos equivalem a palavras já existentes na língua:

(30)

[(al.'cêu)]	UNIQUENESS
a) [('cêu)]	*!
b) [(cê.'cêu)] ↗	
[(ar.'tur)]	UNIQUENESS
a) [('tu)]	*!
b) [(tu.'tu)] ↗	
[('a.ma)('dêu)]	UNIQUENESS
a) [('dêu)]	*!
b) [(dê.'dêu)] ↗	
[(ma.'têus)]	UNIQUENESS
a) [('têu)]	*!
b) [(tê.'têu)] ↗	

¹⁵ UNIQUENESS funciona como uma espécie de bloqueio homofônico, já que milita contra a formação de homônimos homófonos.

Como esse padrão envolve o processo de reduplicação, uma restrição de alinhamento deve ser formulada. A observação dos dados em (28) nos faz perceber que o reduplicante sempre está alinhado à esquerda da palavra prosódica. Dito de outra maneira, o reduplicante, nesse padrão, é, obrigatoriamente, um prefixo. Dessa forma, em um caso como ‘Amadeu’, o hipocorístico correspondente é ‘Dedêu’, com o reduplicante (‘De’) à esquerda da base (‘Dêu’). Uma forma como ‘Deudê’ infringe a restrição de alinhamento ALINH RED (E), segundo a qual “o prefixo é alinhado à esquerda da PrWd”.

Outra informação imprescindível em relação aos dados em (28) diz respeito à importância da sílaba tônica da palavra-matriz. Todos os hipocorísticos do padrão em questão rastreiam a sílaba proeminente do antropônimo. A sílaba tônica rastreada passa, então, a ser a base à qual o reduplicante é anexado. Com isso, a restrição HEADMAX, que requer maximização da cabeça da palavra prosódica¹⁶, deve compor também o *ranking* do padrão de hipocorização com reduplicação à direita.

Além disso, podemos extrair uma generalização quanto ao reduplicante, que apresenta o formato CV, ou seja, é sempre constituído de uma consoante e uma vogal. Dessa forma, a restrição de molde RED=CV (“o reduplicante tem o formato CV”) torna-se fundamental na hierarquia. A seguir, no *tableau* em (31), podemos verificar a atuação desses restritores, ranqueados abaixo de IAMBO, e das restrições relacionadas à sílaba, com UNIQUENESS colocada na última posição da hierarquia:

(31)

[('a.ma)(dêu)]	IAMBO	ONSET	*COM- PLEX	CODA- COND	ALIN	HEAD- MAX	RED=CV	UNIQUENESS
a) [(a.'ma)]		*!				***	*	*
b) [(dêu.'dêu)]							*!	*
c) [(dêu.'dê)]					*!			
d) [(ma.'ma)]						*!***		*
e) [(dê.'dêu)] [↔]								
f) [(dêu)]								*!

¹⁶ De acordo como esse restritor, são preservados todos os segmentos da cabeça de PrWd. HEADMAX, portanto, contabiliza as deleções efetuadas na sílaba tônica dos antropônimos.

ONSET é a primeira restrição a eliminar um candidato, pois ‘amá’ apresenta uma sílaba sem ataque. A restrição de alinhamento, por sua vez, desclassifica o candidato ‘Deudê’, pois, nesse caso, o reduplicante foi alinhado à direita da base, contrariando o que determina ALINH RED (E). O candidato (d), ‘Mamá’, apaga completamente a sílaba tônica, constituída de três segmentos, o que faz com que infrinja três vezes HEADMAX. A forma (b), ‘Deudêu’, por não apresentar reduplicante com o formato CV, viola RED=CV e é eliminada da disputa. Por fim, UNIQUENESS descarta o concorrente (f), idêntico ao verbo ‘dar’ na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Essa última eliminação faz com que apenas uma forma se superficialize: ‘Dedêu’ (e).

Abaixo, em (32), o *ranking* proposto leva ao encurtamento, mas garante mínima fidelidade ao antropônimo, já que assegura o aproveitamento da tônica:

- (32) IAMBO >> ONSET ; *COMPLEX^{onset} ; CODACOND_[+vocálico] >>
 ALINH RED, E >> HEADMAX >> RED=CV >> UNIQUENESS

Finalizando a análise do padrão D de hipocorização, abaixo, em (33), segue-se o *tableau* com a análise completa de ‘Isabel’, caso importante devido à emergência de dois *outputs* ótimos:

- (33)

[(i.sa)(bél)]	IAMBO	ONSET	*COM- PLEX	CODA- COND	ALIN	HEAD- MAX	RED=CV	UNIQU
a) [(bé.'bél)]								
b) [(.'bél)]								
c) [(bél.'bél)]							*!	
d) [(i.sa)]	*!	*				***		*
e) [(bél.'bé)]					*!			

Pelo *tableau* em (33), vê-se que o primeiro concorrente a deixar a disputa é (d), porque infringe IAMBO. Esse mesmo candidato recebe ainda cinco outras infrações: uma em ONSET, pois sua primeira sílaba não apresenta ataque; três em HEADMAX, já que apaga a sílaba tônica, que possui

três elementos; e uma em UNIQUENESS, pois equivale a um outro antropônimo¹⁷. Todos os candidatos passam ilesos pelos restritores *COMPLEX_{onset} e CODACOND_[+ vocálico]. O candidato (e) é eliminado a seguir, por apresentar reduplicante em posição de sufixo, infringindo ALINH RED (E). O próximo aspirante que sai da competição é (c), pois seu reduplicante apresenta o formato CVC, o que faz com que a restrição RED=CV seja violada. Dessa maneira, (a) e (b) emergem como *outputs* ótimos, configurando um caso de variação. (a) e (b) passam ilesos pelas restrições que compõem a hierarquia, sendo, portanto, obedientes a todas as exigências formuladas, justificando, desse modo, a opcionalidade, diferentemente do que ocorre com os padrões A e B e, também, com a análise do tipo E, a seguir.

O padrão E de hipocorização – o encurtamento de antropônimos compostos

O processo de hipocorização de nomes compostos define-se como a junção de duas bases que se encurtam, a exemplo de ‘Malú’, hipocorístico de ‘Maria Luíza’ ou ‘Maria Lúcia’, e ‘Cadé’, hipocorístico de ‘Carlos André’. Além disso, o processo em questão não permite a emergência de mais de um *output* ótimo, o que significa dizer que não admite variação de formas.

Os dados em (34) constituem os *outputs* reais referentes ao padrão E de hipocorização. Vale ressaltar que essas formas são, de maneira geral, oxítonas, ou seja, constituídos de um único pé iâmbico. A exceção à regra se faz com os hipocorísticos terminados em [a]; nesse caso, eles serão sempre paroxítonos, constituindo, assim, pés trocaicos.

- | | | |
|------|-------------------------|----------------------|
| (34) | André Luiz > Delú | João Carlos > Jóca |
| | Carlos Alexandre > Calê | José Carlos > Zéca |
| | Carlos André > Cadé | José Luiz > Zelú |
| | Carlos Artur > Catú | Luiz Carlos > Lúca |
| | Carlos Eduardo > Cadú | Maria Isabel > Mabél |
| | Carlos Luiz > Calú | Maria João > Majô |
| | Carlos José > Cazé | Maria José > Mazé |

¹⁷ Além de ser um nome próprio, a forma ‘Ísa’ constitui hipocorístico de ‘Isabela’ e, portanto, é perfeitamente analisável no padrão B de hipocorização.

Célia Lúcia > Celú
 Eduardo Carlos > Dúca
 João Batista > Jóba

Maria Júlia > Majú
 Maria Luíza / Lúcia > Malú
 Maria Teresa > Matê

Os dados em (34) confirmam o que foi dito anteriormente: à exceção dos hipocorísticos terminados em [a], que são sempre paroxítonos, todos os demais são oxítonos. Além disso, observa-se que, em quase todos os casos, a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome é unida à primeira sílaba com *onset* do segundo, constituindo o hipocorístico. As exceções estão nos casos em que aparece o nome ‘José’. Neles, a sílaba ‘zé’ será sempre copiada, e nunca a primeira sílaba com *onset* (‘jo’), como nos demais casos. Esse fato se deve, possivelmente, a um processo de lexicalização que pode ter ocorrido com a sílaba ‘zé’, pois, como se sabe, é bastante comum o nome ‘José’ ser reduzido a ‘Zé’. A palavra ‘Zé’, portanto, passa de um simples apelido a unidade lexical autônoma, o que caracteriza, assim, o processo de lexicalização. Devido a isso, todos os antropônimos compostos que possuem o nome ‘José’ serão excluídos da análise, pelo fato de não se encaixarem nos aspectos gerais do processo ora em análise.

No padrão dos nomes compostos, como já afirmamos, a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome é unida à primeira sílaba com *onset* do segundo nome, constituindo o hipocorístico (com exceção dos casos em que aparece o nome ‘José’ e do nome ‘Maria Isabel’, que origina o hipocorístico ‘Mabél’). Sendo assim, a restrição ONSET deve ser a mais bem cotada na hierarquia.

Outro dado importante é o fato de as formas rastreadas para o padrão em questão não apresentarem segmentos na posição de coda, com a ressalva de ‘Mabél’. Essa forma apresenta um *glide* na posição de coda e, por isso mesmo, a restrição CODACOND_[+ vocálico] torna-se imprescindível na hierarquia, atuando em conjunto com ONSET. A análise do antropônimo ‘Eduardo Carlos’, em (35), evidencia a atuação desses dois restritores:

(35)


[(ê.du)(‘ar.do)] [(‘car.los)]	ONSET	CODACOND
a) [(ê.‘cár)]	*	*!
b) [(du.‘cár)]		*!
c) [(ê.‘cá)]	*!	
d) [(du.‘cá)] ↗		
e) [(‘dú.ca)] ↗		

Os candidatos (a) e (c) não possuem a posição de ataque preenchida na primeira sílaba e, por isso, recebem infração em ONSET. Os candidatos (a) e (b) apresentam, na segunda sílaba, um segmento na posição de coda que não é vocálico, o que faz com que recebam infrações em CODACOND. Dessa maneira, os três primeiros candidatos são eliminados da disputa e emergem como *outputs* ótimos os candidatos (d) e (e).

Os dados mostram que a forma ótima para hipocorístico de ‘Eduardo Carlos’ é ‘Dúca’, não podendo haver variação, como é regra no padrão em foco. Assim, uma restrição de marcação contextualizada faz-se necessária para impedir a emergência do candidato ‘Ducá’. Essa restrição é fundamental na análise dos antropônimos compostos, já que dá conta de uma particularidade desse grupo: embora os dados revelem que os hipocorísticos desse sistema são predominantemente oxítonos, nomes terminados em [a] constituem, conforme mostrado, pés trocaicos, ou seja, devem ser paroxítonos¹⁸. Com isso, a restrição $*\acute{a}]_{PrWd}$, que define que palavras prosódicas não finalizam na vogal [a], se esta porta acento, vem logo a seguir na hierarquia de restrições.

Outra restrição imprescindível na análise dos nomes compostos é IAMBO, por razões já mencionadas. De acordo com o restritor IAMBO, todos os pés devem apresentar cabeça à direita, ou seja, devem ser iâmbicos. Isso significa que, nesta análise, o pé não é o troqueu, como no sistema de hipocorização *default*. A exceção que se faz a isso, como visto na análise de ‘Eduardo Carlos’, está nas palavras terminadas em [a], constituídas de um pé trocaico. O *tableau* em (36) mostra a atuação desses restritores na análise de candidatos a hipocorístico do antropônimo ‘João Carlos’, com o ranking $*\acute{a}]_{PrWd} \gg$ IAMBO:

(36)

[(jo.'ãõ)] [(‘car.los)]	ONSET	CODACOND	$*\acute{a}]_{PrWd}$	IAMBO
a) [(jô.'car)]		*!		
b) [(jô.'ca)]			*!	
c) [(‘jô.lus)]		*!		*
d) [(‘jô.ca)] 				*


¹⁸ Uma possível explicação para o fato de somente palavras terminadas em [a] serem trocaicas pode ser encontrada na regra de neutralização das postônicas. Como se sabe, só existem três vogais na posição átona final em português: / I, U, a /. /a/ é a única vogal que não resulta de um processo de neutralização. Caso o acento não fosse final nas formas que não terminam em [a], a regra de neutralização fatalmente se aplicaria, promovendo, dessa maneira, uma modificação de traços do *input* para o *output*.

A avaliação em (36) revela que nenhum candidato infringe ONSET, pois a posição de ataque está devidamente preenchida nas duas sílabas dos quatro candidatos. Os concorrentes (a) e (c) violam a restrição CODACOND, uma vez que apresentam a posição de coda da segunda sílaba ocupada por elemento que não é vocálico. A forma ‘Jocá’ viola a restrição de marcação contextualizada que desfavorece nomes oxítonos terminados em [a] e, assim, vem à tona como vitorioso o candidato ‘Jóca’, mesmo violando IAMBO, pois esse restritor está abaixo de $*\acute{a}]_{PrWd}$ na hierarquia. É interessante observar o funcionamento do *ranking*, pois, para que ‘Jóca’ emerja como *output* ótimo de ‘João Carlos’, é necessário que a restrição $*\acute{a}]PrWd$ esteja mais bem cotada que IAMBO.

Em se tratando de nomes compostos, uma preocupação fundamental deve ser o aproveitamento das sequências fônicas de cada prenome envolvido. Nesse padrão, a restrição de ANCOR H, E; A, E – ancoragem do hipocorístico (H) à margem esquerda do antropônimo (A) (doravante ANCOR (E)) – estabelece que a sílaba inicial dos prenomes seja maximizada na forma dele derivada. Assim, o hipocorístico ‘Malú’, de ‘Maria Luíza’ ou ‘Maria Lúcia’, é um bom exemplo de obediência a esse restritor. Ao contrário de ‘Malú’, o hipocorístico ‘Cadú’, de ‘Carlos Eduardo’, infringe tal restrição, já que a primeira sílaba do segundo nome, por não apresentar a posição de ataque preenchida, não figura no hipocorístico. Como a análise baseia-se num *ranking* de restrições, esse problema é solucionado com a alta hierarquização de ONSET, que faz com que um candidato como ‘Caê’, para ‘Carlos Eduardo’ seja eliminado logo no início da análise. Em contrapartida, a baixa hierarquização da restrição de ancoragem faz com que ‘Cadú’, o *output* real de ‘Carlos Eduardo’, viole essa restrição, mas venha à tona como candidato vitorioso. Em suma, a alta hierarquização de ONSET e a baixa hierarquização de ANCOR (E) garantem a tendência geral de formação dos hipocorísticos de nomes compostos: a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome é alinhada à primeira sílaba com *onset* do segundo nome¹⁹. O *tableau* em (37) apresenta a análise do antropônimo ‘Carlos Artur’ e confirma isso:

¹⁹ Exceção aos casos em que aparecer o nome ‘José’, já referidos anteriormente, e do nome ‘Maria Isabel’, que tem ‘Mabél’ como hipocorístico.


(37)

[('car.los)] [(ar.'tur)]	ONSET	CODACOND	*á] _{PrWd}	IAMBO	ANCOR
a) [(car.'tur)]		*!*			**
b) [(ca.tu)]				*!	**
c) [(ca.'ar)]	*!	*			
d) [(ca.'tu)] 					*
e) [(car.'tu)]		*!			**

Em (37), o primeiro candidato a deixar a disputa é (c), pelo fato de apresentar a posição de ataque vazia na segunda sílaba. Os candidatos (a) e (e), por possuírem segmentos em coda não-licenciados por CODACOND, são eliminados a seguir. A forma (b), um paroxítono, infringe IAMBO e é o próximo concorrente a deixar a disputa. O *output* ótimo, ‘Catú’, viola duas vezes a restrição de ancoragem, já que a primeira sílaba do segundo nome foi descartada, mas, ainda assim, emerge como vitorioso, devido à alta hierarquização de ONSET e à baixa hierarquização de ANCOR.

Para que o *ranking* de restrições fique completo, faz-se necessária uma restrição de marcação que elimine a complexidade do *onset* nos dados em que aparecer o nome ‘André’, pois, nesses casos, a sílaba ‘dré’ é simplificada para ‘dé’, como em ‘Cadé’, para ‘Carlos André’, e ‘Delú’, para ‘André Luiz’. Dessa maneira, a restrição *COMPLEX^{onset} aparece no fim da hierarquia, garantindo a simplificação da sílaba ‘dré’. Abaixo, em (38), verificamos a atuação desse restritor:

(38)

[(an.'dré)] [(lu.'iz)]	ONSET	CODAC	*á] _{PrWd}	IAMBO	ANCOR	*COMPLEX
a) [(drê.'lu)]					*	*!
b) [(an.'lu)]	*!	*				
c) [(dê.'lu)]				*!	*	
d) [(dê.'lú)] 					*	

Na avaliação em (38), o candidato (b) viola duas restrições: ONSET, por apresentar uma sílaba iniciada por vogal, e CODACOND, por possuir um segmento não-vocálico na coda da primeira sílaba. O candidato (c), por ser


um troqueu, infringe IAMBO e deixa a competição. Os dois concorrentes que persistem na disputa, ‘Drelú’ e ‘Delú’, violam duas vezes cada um a restrição de ancoragem (apagam a sílaba ‘an’, constituída de dois segmentos). O restritor que define o *output* ótimo é justamente *COMPLEX, o último do *ranking*. Em *COMPLEX, o candidato ‘Drelú’, por apresentar complexidade no *onset* da primeira sílaba, é eliminado, fazendo com que ‘Delú’ venha à tona como hipocorístico do nome composto ‘André Luiz’.

A seguir, em (39), a hierarquia proposta leva à redução, mas garante mínima fidelidade à borda esquerda dos nomes que figuram no *input*:

$$(39) \quad \text{ONSET; CODACOND}_{[+ \text{ vocálico}]} \gg *á]_{\text{PrWd}} \gg \text{IAMBO} \gg \text{ANCOR } \sigma \\ (\text{E}) \gg *COMPLEX_{\text{onset}}$$

No *tableau* (40), finalizamos a análise da hipocorização de antropônimos compostos com o nome ‘Maria Isabel’, mostrando que essa análise é pertinente até mesmo na seleção de ‘Mabél’, que constitui exceção à formação geral de hipocorísticos no padrão em foco, já que, nesse caso, a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome é unida à segunda sílaba com *onset* do segundo (e não à primeira, como nos demais casos):

(40)

[(ma.'ria) [(i.sa)(bél)]	ONSET	CODA COND	*á] _{PrWd}	IAMBO	ANCOR	*COMPLEX
a) [(ma.'i)]	*!					
b) [(ma.'za)]			*!		**	
c) [(ma.za)]				*!	**	
d) [(ma.'bél)] 					***	

Na avaliação em (40), a restrição de marcação contextualizada *á]_{PrWd} é fundamental para que se elimine o candidato ‘Mazá’, já que este é um nome oxítono terminado em [a], condição desfavorecida por esse restritor. O candidato ‘Máza’ é eliminado por IAMBO, por se tratar de um pé trocaico. Com isso, ‘Mabél’, ainda que viole três vezes a restrição de ancoragem, emerge como forma ótima, já que todos os demais candidatos já haviam sido eliminados por restritores mais bem ranqueados.

A hierarquia de restrições proposta para esse padrão de hipocorização consegue dar conta de todos os casos mostrados, com exceção dos compostos em que aparece o nome ‘José’, devido ao possível processo de lexicalização já comentado no início desta seção.

Palavras finais

O processo de hipocorização é relevante na descrição de alguns aspectos da fonologia do português. Uma dessas questões refere-se à tese de que o pé básico do português é o troqueu moraico. De acordo com Cabré (1994), processos de encurtamento fornecem importantes pistas acerca do tipo básico de pé em uma língua, já que reduzem formas ao tamanho de uma palavra mínima.

Como se viu, condições de palavra mínima atuam na formação de hipocorísticos, já que os restritores TODOPÉ (D) e ANALISE-s são os mais relevantes em todos os padrões e impedem que formas com mais de suas sílabas venham à superfície. Os dados, no entanto, contrariam a proposta de Gonçalves (2004a: 12), para quem *o troqueu moraico tem papel de destaque em processos de minimização, sendo, por isso, extremamente relevante na formação de hipocorísticos*. Se, por um lado, essa ideia se mostra relevante no padrão A de hipocorização, cujos produtos são categoricamente constituídos de um troqueu moraico, por outro, o iambo tem relevância nos demais casos, sendo o pé mais frequente nos padrões B, C, D e E.

Assumindo que o padrão A é o *default*, por caracterizar mais de 70% dos dados, a formação de iampos pode ser considerada como resultante da impossibilidade de se acionar o padrão A para impedir a formação de pés degenerados, como acontece em vários casos de reduplicação analisados. Discutiremos essa questão em trabalhos futuros, nos quais pretendemos dar conta de todos os dados a partir de uma análise unificada, com todos os padrões reunidos em uma única hierarquia.

Por ora, podemos concluir o capítulo, afirmando que, com a hipocorização, confirmam-se aspectos relativos à fonotática da língua, como, por exemplo, a impossibilidade de tepes em início de palavra (padrão A) e o desfavorecimento de vibrantes múltiplas em *onsets* de sílabas contíguas (padrão C). Além disso, confirma-se a força do restritor ONSET, satisfeito na quase totalidade de padrões, o que assegura a emergência do não-marcado (McCARTHY & PRINCE, 1994b), já que essa restrição dominada na língua tem seus efeitos visíveis nesse processo de minimização.